

LÍNGUA INGLESA: CONCEITOS, CRENÇAS E PRÁTICA DE ENSINO

Luciano Machado Rodrigues¹

¹Universidade Ibirapuera
Av. Interlagos, 1329 – São Paulo – SP
lucianomachadorodrigues@hotmail.com

Resumo

Este artigo apresenta um breve estudo sobre a importância da aprendizagem da Língua Inglesa no cenário globalizado, levando em conta as crenças que envolvem esse processo e o papel do educador nesse novo contexto.

Palavras-chave: Inglês, Ensino de Língua Inglesa, Aprendizagem, Segunda língua, Crenças.

Abstract

This article presents a brief study on the importance of the English Language learning process, considering the beliefs involved in this process and the teacher in this context.

Keywords: English, English Language Teaching, Second Language, Learning, Beliefs.

1. Introdução

O Inglês sempre foi um diferencial competitivo no mercado de trabalho. Hoje, para que possamos desenvolver nossas habilidades e dominar as novas tecnologias, o domínio do Inglês se faz essencial. Vivemos em um mundo globalizado, onde a Língua Inglesa é o principal veículo de uso internacional, sendo aceita em todos os cantos do mundo como instrumento de intercâmbio cultural, comercial, diplomático, tecnológico, científico, entre outros. Conhecer o idioma significa ter acesso a um maior número de informações nesse cenário tão competitivo. Atualmente, ao candidatar-se a uma vaga de emprego nas grandes empresas, é pressuposto que se tenha Inglês como língua estrangeira, tão essencial quanto o seu conhecimento em Língua Portuguesa.

2. O conceito de cultura de aprender Línguas

A relevância dos estudos sobre a cultura de aprender línguas está no fato de que ela pode revelar possíveis discrepâncias existentes entre o que o aluno espera do ensino e o que o professor espera desse aluno.

A consciência a respeito das crenças dos aprendizes pode ajudar na compreensão das suas frustrações e dificuldades permitindo aos professores a elaboração de um plano de ação mais efetivo com os seus alunos no propósito comum de aprender a língua (KERN, 1995).

As expectativas culturais de alunos e professores podem causar dificuldades na interação entre ambos, pois os professores podem perceber como frustrante, confuso e às vezes, assustador, o fato de o aluno não agir de acordo com as suas expectativas culturais. Isso inibe o professor de aprender com os alunos e de avaliar corretamente seu conhecimento (ERICKSON, 1986).

Cada sociedade faz uma leitura do quê, como, e para que se deve aprender (CARMAGNANI, 1993). Professores e alunos possuem seus hábitos, costumes e expectativas sobre aprendizagem de língua estrangeira que são sustentados legitimamente e aceitos na sociedade.

Quanto mais informados estivermos sobre as crenças de nossos alunos, maiores serão as chances de sucesso de qualquer intervenção que se queira fazer, uma vez que como membros de um grupo de determinada so-

riedade, temos percepções, sobre o que é linguagem, assim também como sugestões e ideias próprias sobre a melhor maneira de aprender línguas e sobre nossa atuação em sala de aula, sendo que tais percepções podem afetar ou mesmo inibir a receptividade do aluno quanto aos métodos de ensino trazidos pelo professor.

Cultura de aprender línguas é o termo utilizado por Almeida Filho (1993) para se referir às maneiras de estudar e de se preparar para o uso da língua alvo consideradas como “normais pelo aluno”. Essas maneiras, que são típicas de sua região étnica, classe social e grupo familiar restrito em alguns casos, são transmitidas com tradição através do tempo, de uma forma “naturalizada, subconsciente e implícita”.

Almeida Filho coloca a cultura de aprender línguas como um dos principais fatores determinantes no processo de ensinar e aprender línguas e como uma força potencial que se relaciona com a abordagem de ensinar. Segundo o autor, a abordagem de ensinar “equivale a um conjunto de disposições, conhecimentos, crenças, pressupostos e eventualmente, princípios sobre o que é linguagem humana, língua estrangeira o que é aprender e ensinar uma língua alvo, além de abranger também os conceitos de pessoa humana, sala de aula e dos papéis representados de professor e aluno de uma nova língua”.

Segundo Erickson (1984) “as explicações dos alunos sobre a melhor maneira de aprender ou sobre como se deve aprender são aspectos da cultura”. Dessa maneira, o termo cultura de aprender línguas é adequado para a investigação das crenças dos aprendizes sobre como se deve aprender uma Língua Estrangeira.

É importante oferecer oportunidades para o aluno que deseja ser professor de língua, oferecendo subsídios para que ele possa tomar consciência das suas crenças em relação à aprendizagem de línguas, ajudando-o a tornar-se um professor mais crítico na tarefa de ajudar outras pessoas na aprendizagem de uma língua estrangeira, no nosso caso, a Língua Inglesa.

3. Como escolher um programa de Inglês

Dominar outro idioma pode ser uma ferramenta não só pessoal como também profissional. Na hora de escolher entre as diversas opções de cursos, alguns

fatores importantes devem ser analisados com atenção. A globalização e a Internet derrubaram barreiras políticas, econômicas e culturais, facilitando o acesso à informação. Para usufruir todos os benefícios dessas mudanças é necessário o conhecimento de outras línguas.

Antes de escolher um programa de Inglês, tenha claro se o seu objetivo é pessoal ou profissional. Pessoalmente, o idioma amplia sua formação cultural, ajudando em pesquisas escolares ou da faculdade. No âmbito profissional onde é necessário falar e escrever corretamente, cursos intensivos ou aulas particulares são os mais adequados. Alguns fatores devem ser considerados na escolha do curso: Qualificação dos professores, credenciamento de exames internacionais que atestem a qualidade da instituição, eventos culturais e sociais oferecidos pela escola, instrumentos de controle de qualidade, como: pesquisa de satisfação, observação das aulas e aprovação em exames internacionais, recursos pedagógicos da unidade, rotatividade dos professores e sistema de avaliação dos alunos.

Além dos objetivos pessoais e da qualidade da escola, é necessário verificar a conveniência das aulas a se cotidiano. Horário das aulas que não sobrecarreguem o aluno, localização e estrutura também são fatores que devem ser levados em consideração. A visão crítica de alunos atuais ou antigos da escola é um bom referencial quanto à aprendizagem. Verifique também se a escola está atualizada com os métodos recentes de ensino e se há investimentos em pesquisa pedagógica e desenvolvimento de cursos na formação dos professores.

Avaliar a qualidade de um programa de Inglês torna-se fator indispensável em nosso contexto atual, onde a habilidade de se falar Inglês é vista como uma qualificação tanto cultural como profissional básica e seu aprendizado exige um considerável investimento que envolve tempo e dinheiro, ao mesmo tempo em que escolas e cursinhos de Inglês se proliferam de forma devastadora. Tanto nas grandes metrópoles quanto nas cidades menores, temos um número considerável de escolas de idiomas, com suas mensagens publicitárias agressivas, usando recursos linguísticos e imagens de astros conhecidos da TV, deixando o cidadão comum numa situação difícil diante da escolha do curso a ser adquirido.

Enquanto o ensino fundamental não proporcionar essa qualificação básica será necessário obtê-la por outros meios. Este novo mercado para o ensino de Inglês no Brasil cresce rapidamente e torna-se muito vulnerável ao comércio improvisado e amador, uma vez que é difícil para quem ainda não fala a língua estrangeira avaliar a qualidade do que lhe é oferecido.

É comum o aluno estudar em torno de dois anos e então verificar que o método utilizado durante o aprendizado da língua não deu resultado.

De acordo com o Ministério da Educação, todos os cursos de línguas são classificados como "cursos livres", não estando sujeitos a qualquer tipo de controle nem reconhecimento. Ao concluir um curso de idiomas, o que realmente vale é a habilidade adquirida. É importante não se influenciar pelo simples acúmulo de certificados de conclusão de módulos.

O culto ao documento como instrumento de comprovação é um vício da nossa cultura brasileira, herdado da aristocracia colonialista, importante em muitas outras áreas de atuação, mas diante da exposição das habilidades comunicativas de uma língua estrangeira torna-se obsoleto. Se houver uma real necessidade de comprovação de proficiência, a pessoa deve procurar se submeter a um dos vários testes internacionais de avaliação de proficiência existentes no mercado.

Segundo Vygotsky (1985), diferentes pessoas têm interesses e necessidades próprios. A eficácia do treinamento será maior se as atividades forem adaptadas às necessidades e aos interesses específicos de cada grupo e a de cada aluno. Verificar se a escola depende de um pacote didático pré-determinado e rígido ao qual instrutor e aluno têm que se adaptar, ou se a instituição dispõe de talentos individuais, com competência lingüística e cultural, capazes de desenvolver sua própria didática, trabalhando as quatro habilidades comunicativas em todas as aulas (leitura, escrita, audição e conversação) são fatores importantes a serem considerados antes da escolha da escola de idiomas que se pretende estudar.

Assistir a uma aula demonstrativa para conhecer o método da escola é uma boa alternativa. Observar se durante a aula há interação entre alunos e professor e se o plano didático se relaciona à realidade dos envolvidos.

O importante durante o processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa é assimilar o idioma uniformemente, em todos os seus aspectos, tais como: diferenças idiomáticas e vocabulário em geral, estruturação de frases, fonética, diferenças culturais, etc. Na medida em que se desenvolve habilidade sobre a língua, o aluno vai naturalmente direcionando a sua assimilação semântica ao que lhe é mais útil.

Linguagem é comportamento humano e habilidade sobre uma língua depende de prática no convívio e no contato com pessoas que falam esta língua com naturalidade e desenvoltura. Plano didático, regras gramaticais, livros, DVDs entre outros, podem constituir-se num complemento interessante, mas pouco lhe ajudarão a desenvolver a habilidade funcional de que você necessita caso não haja por trás disso tudo um professor motivado e envolvido.

4. A formação do professor de Língua Inglesa

Uma mudança significativa na formação e na identidade profissional daqueles que se dedicam ao ofício de professor é uma necessidade imediata, juntamente com o desenvolvimento e enriquecimento das competências. As mudanças do mundo globalizado indicam que a função de professor requer uma grande quantidade de ideias, de habilidade nos procedimentos, no modo de lidar com os alunos, nas estratégias de ensinar, entre outros. Tudo isso incluindo a capacidade de decisão, criatividade e muita autonomia, evitando fórmulas pré-estabelecidas.

Cavalcanti e Moita Lopes (1991) afirmam que os cursos universitários de formação de professores de Língua Estrangeira idealmente enfatizam o desenvolvimento da proficiência do professor-aluno esperando, que esta ênfase, de alguma forma, seja pervertida na melhora do ensino uma vez que, geralmente, apenas um ano (do total de quatro) é destinado a prática de ensino e esta disciplina na maioria dos casos, não prevê a reflexão sobre a prática, restringindo-se a um receituário de atividades para a sala de aula.

Refletindo sobre a realidade daqueles que buscam uma licenciatura numa instituição privada, verificamos um outro contexto. Na maioria das faculdades/ universidades privadas atualmente, os cursos de graduação em letras são de licenciatura em Português e Inglês, ocasionalmente Espanhol.

Tais cursos comportam diferentes matérias voltadas para práticas pedagógicas, além da carga horária dedicada a estágios, por imposição do MEC. Já o mercado de trabalho impõe que esses cursos tenham sua duração reduzida a três anos, já que ultimamente a demanda por cursos de licenciatura é muito maior do que a procura. Devemos considerar que grande parte dos alunos apresenta deficiências provenientes do ensino médio, cabendo aos professores o desafio de tentar resolver uma grande variedade de informações nesse pouco tempo que dispõem.

Filgueira dos Reis (1992) em sua pesquisa com professores de Prática de Ensino de Inglês do Norte do Paraná, afirma que esses professores podem não estar formando professores integralmente, mas somente treinando futuros instrutores, o que pode impedir a obtenção de resultados mais satisfatórios nas disciplinas. Uma vez que se esta lançando profissionais despreparados para o mercado.

Muitas vezes, o aluno inicia sua licenciatura acreditando que irá adquirir a fluência verbal em Inglês na faculdade e isto é um grande erro.

O perfil do aluno que frequenta a faculdade particular noturna é diferenciado. Muitas vezes ele trabalha durante o dia, estuda a noite e veio do ensino médio público, carregando toda uma série de dificuldades que já conhecemos.

Torna-se um bom professor de Língua Inglesa nesse contexto é uma tarefa árdua, mas possível de ser realizada.

A formação durante a graduação deve ser complementada com eventos de atualização, a procura de bons recursos didáticos e frequentar um curso de idiomas, para aqueles que ainda não possuem a proficiência da Língua. Cavalcante, e Moita Lopes (1991) criticam o fato de muitos professores acreditarem que a conclusão da graduação implica o término de sua formação.

A formação do professor deve ser algo contínuo. Quanto mais básica ela for, maior a probabilidade de ele agir em sala de aula e cobrar atitudes de seus alunos orientado por uma competência constituída de intuições, crenças, experiências pessoais de como foram ensinados ou como aprenderam a Língua Estrangeira.

Para os alunos que buscaram uma licenciatura em Letras e ainda não possuem o domínio da Língua Inglesa, a procura por uma escola de idiomas é o caminho mais sensato.

A sociedade brasileira reconhece um valor formativo no estudo de línguas estrangeiras na escola. Ao mes-

mo tempo assistimos a uma escolarização precária em línguas estrangeiras nos contextos tradicionais de ensino de línguas na escola pública e particular (ALMEIDA FILHO, 1991; CABRAL DOS SANTOS, 1993).

Ao procurar um curso de idiomas, a expectativa do aluno é encontrar um local onde possa desenvolver as funções estruturais e funcionais da língua, sendo função primordial da instituição promover um ambiente onde o aluno possa interagir com outras áreas do conhecimento e desenvolver as atividades comunicativas.

Para Almeida Filho (1993), a competência profissional se desenvolve através da participação do professor em movimentos e atividades de atualização profissional e através de atualização de forma permanente.

Para um desempenho profissional satisfatório, o educador necessita acompanhar as mudanças que estão ocorrendo e a flexibilidade para inovar e se transformar constantemente. Nada disso será feito se não houver reflexão.

Alarcão (1996), baseando-se nas crenças de Schön defende uma proposta em que haja uma reflexão da prática da formação do professor. Ao estudar a formação dos professores seguindo os pensamentos de Schön, Alarcão considera que talvez os cursos não preparem para as profissões e indica a análise da performance do profissional como uma possível resposta para todas essas questões.

Dominar o conteúdo, escolher formas adequadas de apresentar a matéria, ter bom relacionamento e tornar a aula agradável e produtiva são formas do educador praticar o exercício da excelência, mas o maior desafio não é somente alcançar o nível de qualidade desejado, mas sim superá-lo a cada momento. Dessa forma, verificamos que a análise da performance proposta por Schön e divulgada por outros tantos pesquisadores é fator primordial.

O professor reflexivo é justamente esse que consegue fazer da reflexão uma competência fundamental na sua formação.

Todo professor de Língua Estrangeira constrói um ensino com pelo menos quatro dimensões (as de planejar cursos, escolher ou fazer materiais, criar experiências com a nova língua e avaliar o desenvolvimento do programa dos alunos), todas elas influenciadas simultaneamente por uma dada abordagem de ensinar que vão construindo. O objeto direto de abordar é o processo ou

a construção do aprender e do ensinar uma nova língua (ALMEIDA FILHO, 1993).

Autores como Schön defendem uma proposta em que haja uma reflexão da prática da formação do professor, que fuja dos antigos modelos onde existe a questão teórica seguida de um estágio desvinculando, dessa forma, haverá a interação entre teoria e prática. Estudar o que se passa em determinados ambientes de aprendizagem pode ser um bom passo na solução de determinadas questões. É importante buscar uma solução adequada para cada caso, considerando a solução de questões que envolvam a ciência e a técnica, tendo como foco os envolvidos nas diversas situações. Sem a presença de um professor reflexivo, que saiba atuar nesse processo, toda a questão da construção do conhecimento torna-se impraticável.

No âmbito do conhecimento sobre as diferentes formas de pensar e seus reflexos na educação, podemos citar o filósofo americano John Dewey (1859-1952) e algumas de suas ideias que vão de encontro com nossa opinião.

Para o autor, aprender a pensar significa resolver as questões entre teoria e prática. Para que as atividades não sejam mecânicas e rotineiras é necessário uma relação entre pensamento e ação.

Do ponto de vista da linguística aplicada é desejável a crescente explicação pelos professores da sua abordagem de ensinar. Para analisar uma filosofia de ensinar uma nova língua é necessário pormenorizar a configuração de traços indicadores das concepções de língua, linguagem língua estrangeira, de ensinar e de aprender uma língua subjacente às atividades desempenhadas por um professor sob análise.

5. Considerações Finais

O objetivo de toda essa reflexão é que as práticas de sala de aula sejam questionadas e alteradas, no intuito de gerar um desenvolvimento contínuo da prática de ensinar língua estrangeira. Desta forma, os cursos de formação ou de formação continuados de professores de língua estrangeira têm sido cada vez mais entendidos como contextos para a reflexão por meio do envolvimento dos professores em práticas de investigação.

Referências Bibliográficas

- ALARCÃO, I. Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores. In: ALARCÃO, Isabel (org.). Formação reflexiva de professores estratégias de supervisão. Portugal: Porto Editora, 1996. p.9-39.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. Dimensões comunicativas no Ensino de Línguas. Campinas: Pontes, 1993.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. O professor de Língua Estrangeira sabe a Língua que ensina? Revista Contexturas, vol. 01, 1991.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. O professor de Língua Estrangeira em Formação (Org.) – Campinas: Pontes, 2005.
- BECKER, F. Ensino e pesquisa: qual a relação? In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tânia B.I (org.) Ser Professor é ser pesquisador. Porto Alegre: Mediação, 2007. p-11-20.
- CABRAL DOS SANTOS, J.B. A aula de Língua Estrangeira (Inglês) modulada pelo livro didático. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas, 1993.
- CARMAGNANI, A.M. Ensino centrado no aluno: a adequação de uma proposta metodológica no contexto brasileiro, 1993.
- CAVALCANTI, M.C. & MOITA LOPES, L.P. Implementação de pesquisa na sala de aula de Línguas no contexto brasileiro. Trabalhos em Linguística Aplicada, nº 17: pp133-144, 1991.
- CRYSTAL, D. English as a Global Language. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.
- ERICKSON, F. What makes school ethnography “ethnographic”? Anthropology and Education Quarterly. Spring, 1984.
- FILGUEIRA DOS REIS, M. R.. Características meta-competentes do professor de prática de ensino de Línguas Estrangeiras. Contexturas, 1992.
- GIMSON, A. An Introduction to the Pronunciation of English. S/L: Edward Arnold, 1962.
- HARMER, J. The Practice of English Language Teaching – London – New York: Longman, 1994.
- HARPAZ, I. The importance of work goals: an international perspective. Journal of International Business Studies, 1990, 75-93.
- HOLDEN, S. O ensino da Língua Inglesa. 1a ed. São Paulo: Special Book Services, 2001.
- KINCHELOL, J. L. Teachers as Researchers: Qualitative Inquiry as a Path to Empowerment. Londres: The Falmer Press, 1991.
- KRASHEN, S. D. Second Language Acquisition and Second Language Learning. Prentice – Hall International, 1988.
- KRASHEN, S. D.; SELIGER, H. Essential contributions of formal instruction in adult second language learner. TESOL Quaterly, 1975, 173-183.
- LALANDA, Maria c.; ABRANTES, Maria M. O conceito de reflexão em J. Dewey. In: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394 / 1996.
- LURIA, A. R. Cognitive Development: Its Cultural and Social Foundations. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1976.
- MURRAY THOMAS, R. Comparing Theories of Child Development, Third Edition. Belmont, California: Wadsworth Publishing Company, 1993.
- O`CONNOR, J. Better English Pronunciation. Cambridge: CUP, 1967.
- PASSONI, A.N.P. Representações sobre o processo de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira em um curso de Letras. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica da São Paulo, 2004.
- PIAGET, J. The moral development of the child. New York: Harcourt Brace, 1932.

RICHARDON, R.J. Pesquisa social: Métodos e Técnica. São Paulo, Ed. Atlas, 1999.

SHIMOURA, A.S. Projeto de formação de professores de Inglês para crianças: o trabalho do formador. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica da São Paulo, 2005.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.